

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos

Com a morte do Doutor António de Vasconcelos, ocorrida a 2 de Setembro de 1941, desapareceu certamente uma das figuras mais representativas da vida mental portuguesa nas últimas décadas.

Dispondo de uma invulgar agudeza de espírito e de um extraordinário poder de adaptação, conseguiu ir até onde outros, que disfrutavam postos de comando, não puderam chegar, libertando-se, com uma habilidade prodigiosa, de tôdas as dificuldades que porventura embaraçavam os seus passos, como se tivesse o poder de talhar por suas mãos o próprio destino.

De compleição débil e enfermiça, nem por isso deixou de ser um trabalhador incansável, atingindo, na plena pujança de tôdas as suas faculdades de trabalho, a longevidade. Aluno laureado e professor da Faculdade de Teologia, foi sobretudo na Faculdade de Letras, para cuja criação decididamente contribuiu, que se impôs como Mestre, conseguindo, já em plena maturidade, dar novos rumos ao seu labor profissional e afirmar-se como historiador.

Assim, tôda a sua obra, reflectindo uma invulgar capacidade para a improvisação, constitue exemplo de autodidaxia verdadeiramente impressionante.

Este traço inconfundível da actividade mental do Doutor António de Vasconcelos, explica-o uma sólida cultura humanística e um conhecimento profundo da Liturgia, em que sempre deleitou o seu espírito ávido de forma.

Foi, realmente, partindo desta dupla base que se abeirou da Filologia e cultivou a História. E daí duas qualidades até certo ponto contraditórias que marcam indelevelmente a sua obra : a quasi obsessão do pormenor que procurava ansiosamente, preocupado com a idéia de que a construção pudesse ficar diminuída por sombras ou lacunas ; e a disciplina mental, que sempre lhe foi timbre, imprimindo grande justeza aos seus conceitos, e perfeito equilíbrio às suas sínteses, mesmo quando não eram — nem pretendia que fôsem — a expressão de uma rigorosa attitude científica.

Destas duas tendências do seu espírito derivam não só tôdas as virtudes mas também todos os defeitos da sua vasta obra, difícil, por isso, de apreciar em bloco. Mais : Foram essas mesmas tendências que levaram o Doutor Vasconcelos a cultivar de preferênciã o género biográfico, em que tanto se comprazia, ao mesmo tempo que se ocupava das ciências auxiliares da História — a Arqueologia, a Epigrafia, a Esfragística, a Heráldica e a Paleografia— que versou com espírito misto de amador e de cientista.

É que, se as ciências auxiliares da História lhe revelavam o documento, que lhe interessava tanto pelo seu conteúdo como pela sua forma, o género biográfico, permitindo-lhe o apuramento minucioso dos pormenores, dava-lhe azo a compôr com a vivacidade do colorista, a intuição do psicólogo, e até a paixão do dramaturgo,

quadros que constituem, por vezes, verdadeiras obras primas da nossa literatura.

*

Foi com a sua *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão, Esposa do Rei Lavrador Dom Denis de Portugal (a Rainha Santa)* que o Doutor António de Vasconcelos verdadeiramente se iniciou na investigação histórica. Saiu o 1.º volume desta obra em 1891, sendo o 2.º (de documentos) publicado três anos depois.

Ele mesmo declara, na *Advertência prévia*, tratar-se da sua primeira tentativa de história. Tentativa — diz o Doutor Vasconcelos — «não de propaganda facciosa a favor ou contra qualquer ideia ou instituição», pois teve «o maior cuidado em evitar opiniões preconcebidas», não se deixando «levar senão após o desejo de investigar a verdade e de a expôr integralmente, com sinceridade e sem tergiversações».

Realmente, a sua preocupação de exactidão, de não ir além da prova documental, demonstra-se em todos os passos da obra, e é ainda mais sensível em tema tão delicado como êste, em que a serena observação dos factos é constantemente prejudicada pelo subjectivismo com que se consideram.

Haja em vista, por exemplo, a descrição da morte da Rainha Santa :

«A 4 de julho, quinta-feira, a rainha enferma confessou-se de madrugada, mandou celebrar missa no seu quarto e recebeu o sagrado viático.

«A noite exalava o ultimo alento nos braços da rainha D. Beatriz, sua nora, que lhe fôra enfermeira desvelada, e tendo junto de

si o rei D. Affonso, seu filho, que a cercava de affectuosas demonstrações de carinho» (*).

Nem mais uma palavra.

Assim consegue o Doutor Vasconcelos vencer todos os escolhos, mantendo sempre uma serenidade e um espírito crítico que o honram. O seu estilo, que se revelaria tão exuberante, demonstra, pela sua concisão, quasi secura, essa preocupação dominante; e, se não fôsem algumas explanações talvez descabidas, poderíamos apontá-lo como modelar.

Logo em seguida, ainda em 1894, publicava o seu *Viriatho* (*Um capítulo da história da Lusitânia*), primeiro estudo da série de *Estudos Históricos* logo interrompida.

Tinha-se posto em dúvida a própria existência de Viriato, personagem mítica, mera personificação da resistência lusitana à conquista de Roma. O Doutor Vasconcelos resolveu então provar a existência real do nosso caudilho — e, valendo-se dos historiadores de Roma, latinos e gregos, conseguiu-o exuberantemente.

O trabalho é, na verdade, paráfrase dêesses escritores, mas paráfrase feita com um cuidado e um esmero muito apreciáveis.

Poucos anos volvidos, em 1897, era o *Doctor Eximius* que ocupava a sua atenção. Passava então o terceiro centenário da nomeação de Francisco Suárez para professor de Teologia da Universidade de Coimbra, e a Faculdade, onde tinha sido Mestre, confiou ao Doutor António de Vasconcelos o encargo de proceder à pes-

(!) Op. cit., vol. i, págs. 23-24.

quisa de documentos relativos ao insigne teólogo existentes no Arquivo da Universidade, e, ainda, de escrever a sua biografia, que deveria preceder a publicação das fontes.

Embora se trate de simples notas biográficas (em que o seu autor nem sequer pensou abordar o conteúdo filosófico da obra do *Doctor Eximius*), as 145 páginas que escreveu não deixam de apresentar matéria muito valiosa. Rigorosamente, é este trabalho uma apologia, mas nem por isso destituído de valor científico, pela abundante informação e pela cuidadosa selecção dos materiais utilizados.

Porém, o trabalho em que melhor se revelam as qualidades a um tempo de investigador minucioso e fiel e de animador das personagens e das cenas — qualidades essas que em tão alto grau exornam a obra do Doutor António de Vasconcelos — é talvez o seu *Brás Garcia Mascarenhas*, que publicou na *Revista da Universidade de Coimbra* entre 1912 e 1922.

Trabalho de fôlego, em que a vida do poeta é tratada amorosamente, nos mínimos pormenores, com um cuidado e com um propósito de exactidão muito de louvar e de admirar.

Os intuitos e as preocupações do Doutor António de Vasconcelos são assim por êle mesmo expressas no prólogo da obra:

«Apresentamos hoje ao público ilustrado um modesto estudo original, biografando Brás Garcia de Mascarenhas. E todo elaborado sobre fontes seguras e autênticas, que escrupulosamente citamos, ou que reproduzimos em apêndice, de forma que qualquer leitor possa facilmente verificar a exactidão, e aquilatar a legitimidade das nossas afirmações e conclusões».

A preocupação de trabalho completo, exaustivo, que se imponha tanto pelo seu rigor construtivo como pelo seu volume, adivinha-se ainda no prólogo, quando o Doutor Vasconcelos acentua a penúria das biografias existentes que, exceptuando o estudo genealógico do Visconde de Sanches de Frias, não iam além das sete páginas incompletas que lhe consagrou Bento Madeira de Castro, ao editar o seu *Viriato Trágico*.

A obra inicia-se por uma descrição, cheia de colorido e de graça, da *nobre e antiga vila de Avô, princesa serrana de corpo donairoso e gentil* — pátria do Poeta. Veem depois as referências relativas aos ascendentes de Brás Garcia e, finalmente, a reconstituição do seu nascimento, da sua infância e da sua juventude. O Doutor Vasconcelos, surpreendendo o carácter em grande parte auto-biográfico do *Viriato Trágico*, aproveita constantemente versos do poema para reconstituir não só a biografia do seu autor, mas também o meio em que o poeta viveu. E nem um só dado escapa à sua preocupação de pormenor.

Vale a pena relembrar a descrição do nascimento de Brás:

«Estava prestes a amanhecer o dia de sábado, 3 de fevereiro. Haviam dado há pouco 5 horas. No campanário da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção de Avô os sinos acabavam de anunciar com tríplexes badaladas o começo da aurora, convidando os fiéis a erguerem o pensamento ao céu antes de principiarem o labutar quotidiano, saudando a *Estrela matutina* da nossa Redenção, e faziam agora ouvir em ondas sonoras, que se expandiam pelos vales e subiam pelas encostas, um alegre repique chamando os clérigos da colegiada e os numerosos devotos da vila e das quintas a acudir à recitação das Matinas da festa do glorioso mártir S. Bras, que neste dia se celebrava.

«Foi então que

Ali, quando se vinha no horizonte
Rindo a Aurora, chorando ao mundo vinha

um menino, que era o terceiro dos filhos de Marcos Garcia» (*).

Não seguiremos *pari passu* a biografia do poeta, por vezes de uma prolixidade que só a preocupação de a reconstituir exhaustivamente pode justificar (3). Mas não podemos deixar de nos referir a outras passagens deste estudo que, certamente melhor do que qualquer outro, nos revela a personalidade histórica e literária do seu autor. Assim, por exemplo, as páginas em que descreve a paisagem de Avô, a propósito da chegada do Poeta, depois do seu exílio — páginas que, pelo seu forte colorido, não hesito em considerar das mais belas que escreveu o Doutor Vasconcelos. Mas, se o aspecto descritivo avulta neste trabalho, nem por isso o seu autor deixa de nos dar o retrato do seu biografado em que, no entanto, se afirma menos o psicólogo do que o panegirista (4).

Dignas de nota são ainda as páginas tão vivas que se referem ao movimento da Restauração, em que Brás Garcia tão de perto interveio, e que, como é natural, nele ocupam' largo lugar.

(2) *Rev. Univ.* i, págs. 25-26.

(3) Basta lembrar para exemplo, a descrição da prisão do poeta em Coimbra feita no capítulo m, a sua fuga, ilustrada com desenhos e um gráfico indicando o caminho seguido por Brás ao evadir-se, ou a descrição do casamento efectuado quando ele contava 49 anos e 16 dias, ela 26 anos e 3 meses — não se esquece de anotar o Doutor Vasconcelos.

(4) Veja-se, por exemplo, o parágrafo em que o Dr. Vasconcelos procura dar a conhecer o carácter de Brás Garcia (*Rev. da Univ.*, 1, pág. 759-760, e n. pág. 197).

Assim, por exemplo, a descrição da maneira como foi recebida em Coimbra a notícia da revolução de Lisboa. Não resistimos à tentação de transcrever o trecho relativo ao episódio de Santa Cruz, que o Doutor António de Vasconcelos, aproveitando muito hábilmente descrições anteriores (5), põe em relevo :

«O juiz dos órfãos Luís Ferraz Velho empunhou o estandarte da cidade, e montando a cavalo gritou:—*¡Real, real, por el-rei D. João IV de Portugal!* — palavras que milhares de bocas logo repetiram em coro.

«Foram em grande multidão, vitoriando sempre, até ao templo do mosteiro de Santa Cruz.

«Entrando ali, deparou-se-lhes um espectáculo lúgubre. A igreja vestida de crepes. O prior-geral D. Miguel de S.^{to} Agostinho, sentado na sua grande cadeira ao lado do altar-mór, de mitra branca de linho na cabeça, revestido de tunicela e dalmática de seda, casula e gremial de veludo, tudo de cor negra, cercado de cónegos regantes ornados de pluviais e dalmáticas também pretas, pontificava em umas solenes exéquias. Era o 455.^o aniversário do falecimento do grande D. Afonso Henriques. ¡Coincidência notável! — ¡Juntava-se a festa da restauração da nação portuguesa com a comemoração do passamento do herói que a fundara!

«A missa ia pouco adiantada. Cantava o coro as palavras do gradual — *In memoria aeterna erit justus, ab auditione mala non timebit* — quando a turba ruidosa e entusiástica, com o estandarte municipal à frente, irrompe pela igreja dentro. Chegado a meio da capela-mór, Luís Ferraz Velho expande mais uma vez a signa de brocado branco onde se via bordado o escudo de

(5) *Relaçam do successo que teve a aclamação Ifelrey nosso Senhor Dom João o lili na Universidade de Coimbra, & das festas com que a celebrou* 1641; e *A restauração de Portugal*, artigo de Joaquim Martins de Carvalho em *O Conimbricense* de 28 de Novembro de 1893. Entre estas duas descrições não há perfeita concordância, mas, embora as não cite, é evidente que tanto uma como a outra foram as fontes da composição feita pelo Doutor Vasconcelos.

Coimbra, e inclinando-a em continência perante o túmulo de D. Afonso Henriques, repete as palavras rituais das régias aclamações, a que faz eco em brado ingente e unísono a multidão, à qual se associam os frades, que haviam suspenso os cantos litúrgicos. A missa parara também, e o D. Prior, substituídos os paramentos pretos por um rico pluvial branco, a mitra simples pela preciosa, empunhando na mão esquerda o báculo pastoral, desce majestoso os degraus do seu sólio, erguendo a dextra, ornada pelo anel prelatício, num gesto hierático, a traçar sobre os fieis lentamente cruces de bênção. Estaciona em frente do altar, e com voz trémula de comoção principia então o hino gratulatorio:— *Te Deum laudamus*» (6)

Não importa que os pormenores, embora absolutamente verosímeis, não estejam documentados. O excuro do Doutor Vasconcelos nem por isso tem menos interesse, menos verdade psicológica, até.

Dois estudos de reconstituição histórica merecem ainda ser assinalados: *Inês de Castro*, publicado em 1928, e a *Sé Velha*, cujo primeiro volume saiu em 1930 e o segundo em 1935.

Inês de Castro constitue «estudo para uma série de lições no curso de História de Portugal». O Doutor Vasconcelos propõe-se nêlo, despindo-se de preconceitos, escarpelar a história e as lendas inesianas «com o instrumento afiado e rigoroso da crítica histórica», e estudá-las «com a frieza imparcial e austera necessária nos estudos históricos».

Trata-se de um trabalho de índole muito diferente da do seu *Brás Garcia Mascar enhas*. O Doutor Vasconcelos procurou despi-lo dos atavios do seu estilo atraente, tra-

(6) *Rev. Univ.*, 11, págs. 338-33g.

tando o tema sêca e friamente sem outra finalidade que não fôsse desfazer lendas e restabelecer a verdade histórica. E fá-lo com uma preocupação de objectividade científica que nunca o abandona.

Começa a primeira parte por nos dar a informação heurística: as fontes documentais e historiográficas, primeiro; as monumentais, isto é, de carácter arqueológico, depois.

Os amores de D. Pedro e D. Inés, e o seu trágico desenlace são, em seguida descritos com concisão e sobriedade. Depois, o Doutor Vasconcelos ocupa-se da guerra civil que a sanha do Infante desencadeou, da vingança de D. Pedro, e da reparação e apoteose, com a construção dos túmulos de Alcobaça e a trasladação de Inés para aí.

Os cronistas, especialmente Fernão Lopes e Rui de Pina, são seguidos de perto. Não obstante, o Dr. Vasconcelos, sem ousar rejeitar ou mesmo criticar formalmente algumas das suas afirmações, não as aceita tôdas, como aquela que se refere à disposição do Rei de revogar a sentença de morte — episódio que «difícilmente a crítica histórica poderá receber por verdadeiro» (7).

Na segunda parte — a mais notável — ocupa-se o Autor da iconografia dos túmulos de Alcobaça, reconstituindo a sua história e fazendo a sua descrição minuciosa. As cenas inesianas são interpretadas com verdadeira intuição — a mesma intuição que lhe permitiu decifrar a inscrição da rosácea da cabeceira do túmulo de D. Pedro.

A história dos amores de Pedro e Inês, os episódios que precederam e se seguiram à sua morte ressaltam, assim, com uma nitidez impressionante, das figurações dos túmulos. E novamente a preocupação de exactidão,

(7) Pág. 44, da 1.^a edição.

de verdade, leva o Dr. Vasconcelos a escarpelizar a tradição inesiana, demonstrando a sua origem erudita, e rejeitando uma após outra tôdas as lendas que a exornam: a maneira como foi morta Inês de Castro, a sua coroação, a posição do túmulos de Alcobaça.

A *Sé Velha de Coimbra* (*Apontamentos para a sua história*), ressentido-se, desde logo, da circunstância de ser o desenvolvimento de um discurso composto para o acto da inauguração de uma lápide comemorativa da restauração da igreja.

Assim, as características do estilo do Doutor Vasconcelos, que o seu *Brás Garcia Mascarenhas* já evidenciara, acentuam-se aqui, tornando-se a sua linguagem difusa, retórica — mas sempre cheia de emoção e vida.

Este livro é, realmente, mais do que um estudo sereno e frio de reconstituição histórica, um verdadeiro e explêndido hino de louvor à catedral de Coimbra, à velha Sé colimbriense que, achando-se ainda íntegra no meado do séc. xiii, «todos os portugueses — diz o Autor — olhavam com carinho e veneração, com amor religioso, com profundo desvanecimento, qual visão apocalíptica, augusto símbolo da nova Jerusalém celeste, descida do seio de Deus para tabernáculo do divino Esposo, o Cordeiro immaculado, que nela residia entre os homens» (8).

Mais um exemplo, apenas, da atitude quási de êxtase do Doutor António de Vasconcelos diante da sua Sé Velha:

«Ao subir da porta de Almedina, pela íngreme rua de *Quebra-Costas*, aparecia-nos lá em cima, erguendo-se sôbre a rocha que lhe servia de pedestal, formosa e grave, qual rainha sentada no seu trono, a nobre sé episcopal de Santa Maria Colimbriense.

(8) Vol. v pág. 146.

«Quer inundada, à tarde, pela luz brilhante do sol, reflectindo-se nas suas paredes da cor do ouro, quer banhada suavemente pela pálida claridade do luar em noites claras, a filha querida do bispo D. Miguel Salomão, a afilhada e protegida do primeiro rei D. Afonso Henriques, era sempre bela, sempre distinta, sempre majestosa, entre todas as catedrais portuguesas.

«O sol, prestes a esconder-se no mar, iluminando com os seus últimos raios a formosíssima paisagem coimbrã, despedia-se da nobre sé de Santa Maria depondo sobre a sua frente, embelezada pelo grandioso portal, um último ósculo de amorosa despedida»⁽⁹⁾.

Mas nem por isso o esforço que êste trabalho evidencia é menos digno de consideração, menos meritório. As fontes são aproveitadas criteriosamente, e se nem sempre a construção é absolutamente segura, isso se deve sobretudo atribuir à preocupação de, à falta de documentos, preencher lacunas com ilações que a crítica histórica não poderá nunca aceitar sem reservas.

Não foi menos fecunda, embora aparentemente mais modesta, a sua obra no campo das ciências auxiliares da História que com tanto carinho cultivou.

Data de 1895 o seu primeiro ensaio epigráfico, então publicado em *O Instituto* ⁽¹⁰⁾. Depois, em 1912, tendo-lhe chegado às mãos o diploma dionisiano da fundação da Universidade, estuda-o especialmente sob o aspecto esfragístico, produzindo um trabalho cheio de interesse ^(M).

⁽⁹⁾ Ibidem, pág. 112 - 113.

⁽¹⁰⁾ Vol. 42: *Sé-Velha de Coimbra* : — *II Inscrições lapidares*.

⁽¹¹⁾ Êste estudo foi editado três vezes (1912-1937-1938[^], sendo sucessivamente retocado.

A este estudo seguia-se, dois anos depois, outro sôbre o *Estabelecimento primitivo da Universidade em Coimbra* ⁽¹⁾ que, se, sob certos aspectos, precisa de ser atentamente revisto ⁽¹³⁾, nem por isso poderá deixar de ser considerado como trabalho de hermenêutica diplomática muito valioso.

Repertório cheio de informações preciosas é o estudo publicado em 1917 sôbre a *Génese e evolução do fôro académico privativo da antiga Universidade portuguesa*, cuja história o Doutor Vasconcelos reconstitue até ao tempo de D. João 1, em que «atingiu o ápice da sua evolução», baseado, sobretudo, em documentos exarados no *Livro Verde* ⁽²⁾.

Digno de atenção é ainda o estudo publicado em 1924 sôbre *O escudo nacional português* ⁽¹⁵⁾, embora se não possam aceitar sem reservas tôdas as conclusões do Autor, como as relativas à inclusão no escudo da bordadura de castelos.

Entre os seus trabalhos de arqueologia litúrgica merecem especial menção as tão notáveis *Notas litúrgico-bracarenses* ⁽¹⁶⁾. Nelas se ocupa o Doutor Vasconcelos da origem e características do rito bracarense, pondo de

⁽¹²⁾ Reeditado, em 1938, em *Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana* sob o título: *D. Dinis, decorridos 18 anos sôbre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma*.

⁽¹³⁾ Quero referir-me especialmente à questão de terem ou não pertencido ao primitivo Paço das Escolas, edificado no reinado de D. Dinis, as arcadas românicas do claustro de Gelas.

⁽¹⁴⁾ Publicado primeiro no *Boletim da Faculdade de Direito*, ui, e depois, acrescentado com a história da sua extinção, nos *Escritos Vários*, vol. 1, (1938).

⁽¹⁵⁾ Publicado na revista *Lusitânia*, n.º* 2 e 3.

⁽¹⁶⁾ Publicadas na revista *Opus Dei*, anos 11 e 111 (1927-28 e 1928-29).

parte, por fantasista, a hipótese do chamado rito suévico, do bispo Profuturo, e assinalando a sua origem romana.

Postergado o rito visigótico, depois da deposição do bispo Pedro, por S. Geraldo, que lhe sucedia na mitra bracarense, é natural que fôsem os usos litúrgicos do mosteiro beneditino de Moissac, onde professara, que trouxe para a sua diocese.

Infelizmente, porém, o Doutor Vasconcelos limita-se a aventar a hipótese sem procurar fundamentá-la, passando a estudar, com base em alguns fragmentos de livros litúrgicos dos fins do séc. xi ou princípios do séc. xn, as características do rito giraldino que se perpetuou em Braga.

Em 1928 e 1929 publicava na *Biblos* ⁽¹⁷⁾ duas notas sôbre alguns fragmentos litúrgicos que descobrira no Arquivo da Universidade. Déles se aproveitaria para o estudo que trazia em publicação na revista *Opus Dei*. Mas merece ser especialmente assinalada, nêsses artigos, a cuidada e profunda análise paleográfica que fez dos fragmentos encontrados ⁽¹⁸⁾.

Anos depois, em 1937, era a decifração de dois enigmas epigráficos — uma inscrição comemorativa da igreja de S. Salvador e outra funerária da igreja de S. João de Almedina, ambas dos fins do século xn — que prendia a sua atenção ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁷⁾ *Fragmentos preciosos de dois códices paleo gráfico-visigóticos* (vol. iv) e *Fragmento precioso dum códice visigótico* (vol. v).

⁽¹⁸⁾ Nem todos os juízos emitidos são, porém, de aceitar. Quero especialmente referir-me à interpretação das fontes relativas à primeira e à segunda reconquista de Coimbra, (vol. v, págs. 265 e 266).

⁽¹⁹⁾ *Biblos*, vol. xii.

O iv centenário da transferência definitiva da Universidade para Coimbra dar-lhe-ia ensejo para publicar mais dois trabalhos : *O selo medieval da Universidade portuguesa* (1938), tão carregado de erudição, em que mais do que a história da insígnia universitária, nos dá um quási-compêndio de Esfragística ; e os *Colégios Universitários de Coimbra* (1938) em que, depois de analisar as suas características gerais, faz a história de cada um, sobretudo relativamente aos edifícios.

Trabalho fundamental, cheio de originalidade e de interesse, é éste, que veio — como diz o Dr. Vasconcelos — « suprir uma lacuna existente na história da nossa Universidade », para a qual constitue precioso subsídio.

Não podemos deixar de mencionar como remate desta longa, se bem que incompleta, resenha da produção historiográfica do grande Mestre, os seus dois últimos trabalhos : *Dignidades do Cabido de Coimbra—O Arcediagado do Vouga*, publicado em 1940 (**), e *A Catedral de Santa Maria Colimbriense ao principiar o século XI. — Mo\arabismo desta região em tempos posteriores*, escrito em 1941, alguns meses antes da sua morte (21).

No primeiro, o Doutor António de Vasconcelos prova que o Arcediagado do Vouga, em cuja dignidade tinha sido investido pelo Papa Bento xv em 1921, era uma Dignidade do Cabido da Sé de Coimbra, competindo-lhe, por isso, o desempenho de determinadas funções litúrgicas — as únicas que subsistiram até à actualidade.

No segundo, pretende demonstrar a persistência da

(2º) *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. vi.

(21) *Revista Portuguesa de História*, tomo i.

tradição moçárabe na Sé Colimbriense até à eleição do bispo Crescónio em 1092.

Apesar do sentido restrito do primeiro destes trabalhos e dos equívocos do segundo, ambos eles testemunham uma frescura de espírito e até um vigôr mental verdadeiramente extraordinários aos 80 anos. Não quisemos, por isso, deixar de lhes fazer alusão.

Tal é, embora superficialmente analisada, a intensa produção historiográfica do Prof. Doutor António de Vasconcelos durante cinquenta anos de ininterrupto labôr.

Envelheceram os seus trabalhos ?

Mas, mesmo daqueles em que o tempo impiedosamente deixou os seus sulcos, se poderá dizer que alguma coisa — muito — ficou e ficará sempre a abrir caminhos, a rasgar horizontes novos aos vindouros que, lendo-os e meditando-os, poderão caminhar com mais segurança e chegar mais longe (“).

O Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Grã-Cruz da Ordem Militar de S. Tiago da Espada, foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia de História de Madrid, e sócio titular

(22) Ao escrever estas linhas, não resistimos à tentação de registar aqui o belíssimo conceito de Gaston Paris, expresso na lição inaugural do seu curso no Colégio de França, em que sucedia a seu pai :

«Ne craignons pas de juger autrement que nos devanciers les plus chers et les plus éminents, d'apprécier différemment la valeur absolue ou l'importance relative de tel ou tel phénomène appartenant à l'histoire des idées, des sentiments ou des faits...

«Mais en gardant notre indépendance, nous devons conserver de la reconnaissance pour ceux dont les travaux ont précédé et facilité les nôtres, et proclamer bien haut notre respect pour ceux dont la longue carrière nous offre un labeur ininterrompu, une activité vraiment féconde et une sincérité que l'on ne trouve jamais en défaut». (*Romania*, tomo xi, 1882, pág. 21).

fundador da Academia Portuguesa da História, de que foi o primeiro presidente. Mas a sua vida e a sua memória ficaram sobretudo ligadas à Universidade de Coimbra, como professor da Faculdade de Teologia, professor e director da Faculdade de Letras, director do Arquivo da Universidade, e criador e organizador do Instituto de Estudos Históricos que, em testemunho de gratidão pelas suas benemerências, o elegeu seu patrono.

TORQUATO DE SOUSA SOARES